

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES****ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND DIGITAL TECHNOLOGIES IN EDUCATION:  
PEDAGOGICAL PRACTICES AND TEACHER EDUCATION** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.035-001>

**Mailson Santos de Queiroz**  
Mestre em Engenharia de Materiais  
Itaúna, MG  
E-mail: mailson\_sq@yahoo.com.br  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4508679646762464>

**Rennie Pantoja Nogueira**  
Especialista em Ensino de Ciências Anos Finais  
IFAM - 2020  
Manaus-Am  
E-mail: rennie.pantoja@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9505422992579952>

**Rebeca Benevides de Oliveira**  
Especialista em Didática do Ensino Superior  
Nilton Lins - 2015  
Manaus-Am  
E-mail: rebeca\_benevides@yahoo.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1440602751007096>

**Luciclaudia da Silva Vasques**  
Doutoranda em Educação da Universidad de Sevilha  
Coordenadora Pedagógica - Faculdade Ciências da Amazônia FCA  
E-mail: luciclaudiavasques@yahoo.com.br  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5362232164080242>

**Mariza Vasconcelos da Silva**  
Mestranda em Educação  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/ Campus de Três Lagoas (Ufms/Cptl)  
Três Lagoas-Ms  
E-mail: Mavasco@Outlook.Com  
Lattes: <https://lattes.Cnpq.Br/7248824081792305>

**Relinaldo Pinho de Oliveira**  
Doutor em Educação, Ciências e Matemática  
IEMCI-UFPA. Belém/Pará/Brasil  
E-mail: [relinaldopinhodeoliveira@gmail.com](mailto:relinaldopinhodeoliveira@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2411869905100927>

**Gabriella Paiva dos Santos**

Mestranda em Ciências da Educação

Educainter

Fortaleza - CE

E-mail: professora.gabriella2024@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6958340498151175>

**Manoel Mosilânio Malaquias da Cruz**

Especialização em Metodologia do Ensino Superior

Universidade Católica de Pernambuco

Brejo Santo – Ceará

E-mail: manoel.cruz@prof.ce.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8658851936725843>

**Carla Beatriz da Silva Luz**

Graduação Pedagogia

FLAED - Faculdade Latino Americano de Educação. MA

E-mail: carlabeat2211@gmail.com

**Emanuella Wanus Barreto Siqueira**

Especialização em Tecnologias Educacionais

PUC RJ - Pontifícia Universidade Católica- Rio de Janeiro

Estância-SE

E-mail: emanuellabarreto17@gmail.com

## **RESUMO**

A expansão das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial (IA) nos contextos educacionais tem promovido profundas transformações nas práticas pedagógicas, nos processos de ensino-aprendizagem e na formação docente. Mais do que ferramentas técnicas, essas tecnologias atuam como mediações sociotécnicas que reorganizam práticas de linguagem, formas de produção do conhecimento e relações pedagógicas na escola contemporânea. Este capítulo tem como objetivo analisar criticamente a presença da Inteligência Artificial e de outras tecnologias digitais na educação escolar, articulando práticas pedagógicas, linguagem e formação docente, a partir de aportes da educação crítica, dos estudos sobre letramentos e das reflexões éticas sobre tecnologias educacionais. A abordagem adotada problematiza discursos de inovação, eficiência e personalização frequentemente associados às tecnologias digitais, destacando a centralidade da mediação pedagógica e da intencionalidade educativa no uso desses recursos. Discute-se, ainda, os impactos das tecnologias sobre autoria, avaliação, autonomia intelectual e equidade educacional. Conclui-se que a integração crítica da Inteligência Artificial e das tecnologias digitais pode contribuir para práticas educativas mais significativas, desde que orientada por projetos pedagógicos comprometidos com a formação humana, a reflexão crítica e a justiça social, reafirmando o papel do professor como mediador central do processo educativo.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; Tecnologias digitais; Práticas pedagógicas; Formação docente; Educação crítica.

## ABSTRACT

The expansion of digital technologies and Artificial Intelligence (AI) in educational contexts has led to profound transformations in pedagogical practices, teaching–learning processes, and teacher education. Rather than merely technical tools, these technologies operate as sociotechnical mediations that reorganize language practices, modes of knowledge production, and pedagogical relationships in contemporary schooling. This chapter aims to critically analyze the presence of Artificial Intelligence and digital technologies in school education by articulating pedagogical practices, language, and teacher education, grounded in critical education theory, studies on literacies, and ethical reflections on educational technologies. The analysis problematizes dominant discourses of innovation, efficiency, and personalization often associated with digital technologies, emphasizing the centrality of pedagogical mediation and educational intentionality in their use. It also discusses the impacts of technologies on authorship, assessment, students' intellectual autonomy, and educational equity. The chapter concludes that the critical integration of Artificial Intelligence and digital technologies can contribute to more meaningful educational practices when guided by pedagogical projects committed to human development, critical reflection, and social justice, reaffirming the teacher's role as a central mediator in the educational process.

**Keywords:** Artificial Intelligence; Digital technologies; Pedagogical practices; Teacher education; Critical education.

## 1 INTRODUÇÃO

A intensificação do uso das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial em diferentes esferas da vida social tem provocado transformações significativas nos modos de produzir conhecimento, comunicar-se e aprender. No campo educacional, tais transformações tornam-se particularmente visíveis no cotidiano da escola, onde plataformas digitais, ambientes virtuais de aprendizagem, sistemas algorítmicos e ferramentas baseadas em IA passam a mediar práticas de leitura, escrita, pesquisa, avaliação e organização do trabalho pedagógico.

A presença dessas tecnologias tem sido frequentemente associada a discursos de inovação, modernização e eficiência educacional. Contudo, como alertam Selwyn (2016, 2019) e Holmes e Tuomi (2022), tecnologias educacionais não são neutras nem meramente instrumentais, pois incorporam valores, interesses econômicos, racionalidades políticas e modelos específicos de ensino e aprendizagem. Assim, a

incorporação acrítica das tecnologias digitais pode redefinir silenciosamente os sentidos da educação, deslocando o foco da formação humana para métricas de desempenho, produtividade e controle.

Do ponto de vista da linguagem, as tecnologias digitais e a IA reconfiguram profundamente as práticas escolares. Ferramentas de geração automática de textos, correção algorítmica, recomendação de conteúdos e análise de dados passam a atuar como coautoras nos processos discursivos. Conforme propõe Paveau (2021), vive-se uma condição de tecnodiscursividade, na qual humanos e dispositivos técnicos compartilham a produção de sentidos. No contexto escolar, essa condição tensiona concepções tradicionais de autoria, criatividade, originalidade e avaliação, exigindo novas abordagens pedagógicas.

Os estudos sobre letramentos digitais e multiletramentos oferecem importantes contribuições para essa discussão. Rojo (2019) e Lankshear e Knobel (2011) destacam que as práticas contemporâneas de leitura e escrita são multimodais, colaborativas e atravessadas por tecnologias. A IA intensifica essas características ao automatizar processos linguísticos e ao interferir diretamente na circulação e na legitimação dos discursos escolares.

Nesse cenário, a centralidade do professor torna-se ainda mais evidente. Como afirma Freire (1996), nenhuma tecnologia substitui a intencionalidade pedagógica, o diálogo e o compromisso ético do educador. Cabe ao professor mediar criticamente o uso das tecnologias, problematizar respostas automatizadas, discutir vieses algorítmicos e promover práticas pedagógicas que fortaleçam a autonomia intelectual dos estudantes. Diante disso, este capítulo tem como objetivo discutir a integração da Inteligência Artificial e das tecnologias digitais na escola, articulando práticas pedagógicas, linguagem e formação docente, a partir de uma perspectiva crítica e eticamente orientada.

## **2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS**

As tecnologias digitais e a Inteligência Artificial devem ser compreendidas como mediações sociotécnicas que reconfiguram as práticas pedagógicas e os modos de organização do trabalho escolar. Diferentemente de recursos didáticos tradicionais, essas tecnologias operam por meio de algoritmos capazes de processar grandes volumes de dados, sugerir percursos formativos e automatizar decisões, ampliando seu impacto sobre os processos de ensino e aprendizagem.

Selwyn (2016) argumenta que tecnologias educacionais são frequentemente incorporadas sob promessas de inovação e eficiência, sem que se problematizem seus pressupostos pedagógicos e sociais. No caso da IA, esse movimento se intensifica, pois sistemas algorítmicos passam a interferir diretamente na seleção de conteúdos, na avaliação da aprendizagem e na organização curricular. Como destaca Selwyn (2019), tais processos podem redefinir silenciosamente o que se entende por aprender, privilegiando métricas de desempenho em detrimento da formação crítica.

Do ponto de vista pedagógico, a IA apresenta potencialidades relevantes, como feedback automatizado, ampliação do acesso à informação e apoio à personalização de atividades. Holmes e Tuomi (2022) reconhecem essas possibilidades, mas ressaltam que seu valor educativo depende da subordinação a finalidades pedagógicas claras. Sem mediação docente, a IA tende a reforçar lógicas tecnocráticas, baseadas na padronização e no controle dos processos educativos.

A perspectiva freireana contribui de modo decisivo para essa reflexão. Freire (1996) adverte que a educação não pode reduzir-se à adaptação técnica do sujeito ao mundo, mas deve promover a leitura crítica da realidade. Nesse sentido, tecnologias digitais e IA só adquirem sentido pedagógico quando integradas a projetos educativos comprometidos com o diálogo, a problematização e a emancipação dos sujeitos.

Assim, compreender tecnologias digitais e Inteligência Artificial como mediações pedagógicas implica reconhecer-las como fenômenos sociais, culturais e políticos. Cabe à escola tensionar seus usos, interrogando os sentidos atribuídos à inovação tecnológica e preservando a centralidade das relações humanas e da intencionalidade educativa no processo de ensinar e aprender.

### **3 LINGUAGEM, TECNOLOGIAS DIGITAIS E TECNODISCURSIVIDADE NA ESCOLA**

A incorporação das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial na escola impacta diretamente as práticas de linguagem, especialmente no que se refere à leitura, à escrita e à produção de sentidos. Ferramentas de escrita automatizada, correção algorítmica e recomendação textual introduzem novas dinâmicas discursivas, nas quais a autoria deixa de ser exclusivamente humana e passa a ser compartilhada com sistemas técnicos.

Paveau (2021) denomina esse fenômeno de tecnodiscursividade, caracterizando a produção de sentidos em ambientes digitais como prática híbrida, distribuída e mediada por dispositivos técnicos. No contexto escolar, essa condição tensiona modelos tradicionais de ensino da língua, ainda centrados na autoria individual, na linearidade textual e na concepção normativa da escrita.

Os estudos sobre multiletramentos reforçam a necessidade de revisão dessas abordagens. Rojo (2019) destaca que as práticas contemporâneas de linguagem são multimodais, integrando texto, imagem, som e interação. Lankshear e Knobel (2011) acrescentam que os novos letamentos envolvem não apenas novas tecnologias, mas novas mentalidades e formas de participação social. A IA intensifica essas transformações ao automatizar processos linguísticos e ao interferir na circulação e legitimação dos discursos.

Do ponto de vista pedagógico, a IA pode ser explorada como objeto de reflexão metalingüística. A análise crítica de textos gerados por algoritmos permite discutir escolhas lexicais, estruturas

argumentativas, coerência discursiva e efeitos de sentido, deslocando o uso da tecnologia do campo da substituição da escrita para o da problematização dos processos discursivos.

Trabalhar a linguagem em contextos mediados por tecnologias digitais e IA implica, portanto, formar sujeitos capazes de compreender as implicações éticas, sociais e discursivas da produção textual automatizada. Trata-se de fortalecer uma educação linguística crítica, que reconheça a coautoria tecnológica sem abdicar da responsabilidade autoral e do compromisso ético com o discurso.

## **4 FORMAÇÃO DOCENTE E MEDIAÇÃO CRÍTICA DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**

A integração da Inteligência Artificial e das tecnologias digitais na escola recoloca a formação docente no centro do debate educacional. Conforme Tardif (2002), os saberes docentes são construídos de forma plural, articulando formação inicial, experiência profissional e contexto institucional. Quando esses processos formativos não contemplam a dimensão crítica das tecnologias, o professor tende a lidar com elas de forma insegura ou meramente instrumental.

Nóvoa (2017) defende que a formação de professores deve estar ancorada na profissão e nos problemas reais da prática educativa. No caso das tecnologias digitais, isso implica discutir não apenas o funcionamento técnico das ferramentas, mas seus impactos sobre linguagem, avaliação, autoria e ética. Uma formação restrita ao uso operacional fragiliza a mediação pedagógica e esvazia o papel docente.

Moran (2015) reforça que a inovação pedagógica não reside na tecnologia em si, mas na intencionalidade educativa que orienta seu uso. A mediação crítica do professor envolve problematizar respostas automatizadas, discutir vieses algorítmicos e estimular o pensamento reflexivo dos estudantes, evitando que a IA se transforme em atalho para respostas prontas.

Essa mediação exige formação continuada, espaços institucionais de reflexão coletiva e apoio pedagógico. Sem essas condições, as tecnologias tendem a reforçar práticas tecnicistas e ampliar desigualdades educacionais, em vez de contribuir para a formação integral dos estudantes.

### **4.1 TENSIONAMENTOS CRÍTICOS NA INCORPORAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO**

A crescente incorporação da Inteligência Artificial nos contextos educacionais tem sido acompanhada por discursos que associam tecnologia, inovação e melhoria automática da qualidade do ensino. No entanto, como alertam Holmes e Tuomi, tais discursos tendem a simplificar problemas educacionais historicamente complexos, deslocando-os para soluções técnicas e algorítmicas. Essa perspectiva corre o risco de produzir uma dependência tecnológica, na qual processos pedagógicos, avaliativos e de gestão passam a ser organizados a partir das possibilidades e limitações das ferramentas

disponíveis, e não das necessidades formativas, sociais e culturais dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Nesse contexto, destaca-se o fenômeno da fetichização da Inteligência Artificial, compreendida como a atribuição de um poder quase autônomo aos sistemas algorítmicos, tratados como instâncias objetivas, neutras e superiores às decisões humanas. Tal fetichização contribui para o apagamento das mediações pedagógicas, do trabalho docente e das dimensões éticas da educação, reforçando uma lógica instrumental centrada na automação, na eficiência e na mensuração de resultados. Conforme apontam Holmes e Tuomi, a IA é sempre resultado de escolhas humanas, desde a definição de dados até os critérios de funcionamento dos algoritmos, o que exige leitura crítica sobre seus usos, limites e implicações no campo educacional.

Outro ponto de tensionamento refere-se ao avanço das plataformas privadas no ecossistema educacional, especialmente quando soluções baseadas em IA passam a mediar práticas de ensino, avaliação e gestão acadêmica. Documentos da UNESCO alertam para o risco de colonização pedagógica, caracterizada pela imposição de modelos, padrões e métricas globais que podem desconsiderar contextos locais, projetos institucionais e finalidades educativas específicas. Nesse cenário, a educação corre o risco de se subordinar a lógicas mercadológicas e tecnocráticas, nas quais a inovação é definida externamente às comunidades escolares e universitárias, fragilizando a soberania pedagógica e a diversidade de práticas formativas.

À luz de uma perspectiva crítica, inspirada em Paulo Freire, torna-se fundamental reafirmar a autonomia institucional e a centralidade do projeto político-pedagógico frente às tecnologias digitais. A Inteligência Artificial, nesse sentido, deve ser compreendida como mediação situada e intencional, subordinada a princípios éticos, democráticos e formativos, e não como instância normativa capaz de redefinir, de forma exógena, os sentidos da educação, da docência e da formação humana. Preservar essa autonomia implica reconhecer que a tecnologia não substitui o diálogo, a reflexão crítica e o compromisso social que constituem a base de uma educação emancipatória.

## **5 DESAFIOS ÉTICOS E POSSIBILIDADES PARA UMA INTEGRAÇÃO CRÍTICA DAS TECNOLOGIAS**

A presença das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial na educação levanta desafios éticos centrais, relacionados à privacidade, ao uso de dados educacionais, aos vieses algorítmicos e à equidade no acesso às tecnologias. Floridi (2018) argumenta que a ética da informação deve orientar o desenvolvimento e o uso das tecnologias digitais, especialmente em contextos educativos.

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

As diretrizes da UNESCO (2021; 2023) reforçam princípios como transparência, justiça, proteção de dados e centralidade do humano na integração da IA à educação. No entanto, a efetivação desses princípios depende de políticas públicas, decisões pedagógicas conscientes e formação docente crítica.

Um dos principais riscos refere-se ao reforço de desigualdades educacionais. Sistemas algorítmicos operam a partir de dados históricos que podem reproduzir discriminações e exclusões já existentes. Selwyn (2019) alerta que, sem regulação e mediação pedagógica, a IA tende a beneficiar grupos que já dispõem de maior capital cultural e tecnológico.

Apesar desses desafios, as tecnologias digitais podem contribuir para práticas pedagógicas mais reflexivas quando integradas de forma ética e mediada. Seu potencial educativo reside na possibilidade de formar sujeitos capazes de compreender, questionar e intervir criticamente nas mediações tecnológicas que atravessam a vida social.

Com o objetivo de sintetizar e sistematizar os principais argumentos desenvolvidos ao longo deste capítulo, apresenta-se, a seguir, um quadro analítico que organiza os eixos centrais da discussão sobre a Inteligência Artificial e as tecnologias digitais na educação. O quadro busca evidenciar as articulações entre mediações pedagógicas, práticas de linguagem, formação docente e desafios éticos, destacando como esses elementos se inter-relacionam na configuração das práticas educativas contemporâneas. Ao reunir conceitos-chave e autores de referência, a sistematização proposta não tem caráter meramente descritivo, mas interpretativo, permitindo visualizar de forma integrada os fundamentos teóricos que sustentam a análise e reforçando a centralidade da mediação pedagógica e da intencionalidade educativa no uso crítico das tecnologias digitais na escola.

**Quadro 1 – Sistematização das ideias centrais sobre Inteligência Artificial e Tecnologias Digitais na Educação**

Eixo analítico	Contribuições centrais	Principais autores de referência
Tecnologias digitais e IA como mediações pedagógicas	As tecnologias digitais e a Inteligência Artificial não atuam como ferramentas neutras, mas como mediações sociotécnicas que reorganizam práticas pedagógicas, tempos escolares e relações com o conhecimento. Seu uso exige intencionalidade educativa e leitura crítica para evitar lógicas tecnicistas e de controle.	Selwyn (2016; 2019); Holmes e Tuomi (2022); Freire (1996)
Linguagem, autoria e tecnodiscursividade	A IA reconfigura práticas de leitura e escrita, introduzindo formas de coautoria entre humanos e sistemas algorítmicos. A produção de sentidos torna-se híbrida, multimodal e distribuída, exigindo da escola revisão das concepções tradicionais de autoria, criatividade e avaliação.	Paveau (2021); Rojo (2019); Lankshear e Knobel (2011)
Práticas pedagógicas mediadas por tecnologias	O potencial educativo das tecnologias digitais e da IA reside na possibilidade de problematizar discursos, ampliar práticas reflexivas e fortalecer aprendizagens significativas. Sem mediação pedagógica, tais tecnologias tendem a reforçar padronização e automatização do ensino.	Moran (2015); Selwyn (2019); Holmes e Tuomi (2022)
Formação docente e mediação crítica	A formação inicial e continuada de professores constitui eixo estruturante para a integração crítica das tecnologias digitais. O professor assume papel central como mediador pedagógico, responsável por orientar usos éticos, críticos e pedagogicamente consistentes da IA na escola.	Tardif (2002); Nóvoa (2017); Freire (1996)
Desafios éticos e equidade educacional	O uso da IA na educação envolve desafios relacionados à privacidade, ao uso de dados, aos vieses algorítmicos e à justiça social. A integração das tecnologias deve ser orientada por princípios éticos, políticas públicas consistentes e centralidade do humano.	Floridi (2018); UNESCO (2021; 2023); Selwyn (2019)

Fonte: elaborado pelos autores, 2026.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste capítulo permitiu compreender que a Inteligência Artificial e as tecnologias digitais, ao serem incorporadas aos contextos educacionais, ultrapassam a condição de instrumentos técnicos e assumem o papel de mediações sociotécnicas que reconfiguram práticas pedagógicas, modos de produção do conhecimento, relações com a linguagem e processos formativos. Tal constatação reforça a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva, capaz de situar essas tecnologias no interior de projetos pedagógicos comprometidos com a formação humana, a autonomia intelectual e a justiça social.

Evidenciou-se que os discursos de inovação, eficiência e personalização, frequentemente associados à Inteligência Artificial na educação, tendem a obscurecer suas implicações pedagógicas, éticas e políticas. Conforme discutido, a adoção acrítica de tecnologias digitais pode deslocar a centralidade do processo educativo para lógicas de mensuração, padronização e controle, fragilizando dimensões fundamentais da educação, como o diálogo, a problematização e a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, reafirma-se que a tecnologia, por si só, não promove inovação pedagógica, sendo indispensável a intencionalidade educativa que orienta seu uso.

As práticas de linguagem mostraram-se um campo particularmente sensível às transformações promovidas pela Inteligência Artificial e pelas tecnologias digitais. A produção discursiva mediada por algoritmos tensiona concepções tradicionais de autoria, criatividade e avaliação, exigindo da escola uma revisão de seus referenciais pedagógicos. A noção de tecnodiscursividade contribuiu para compreender a escrita contemporânea como prática híbrida, colaborativa e situada, reforçando a importância de uma educação linguística que forme sujeitos capazes de analisar criticamente discursos automatizados e assumir responsabilidades autorais em contextos de coautoria tecnológica.

A formação de professores emergiu, de modo consistente, como eixo estruturante para a integração crítica da Inteligência Artificial e das tecnologias digitais na educação. Constatou-se que a fragilidade da formação inicial e continuada no trato com essas tecnologias tende a produzir insegurança, resistência ou uso meramente instrumental. Ao contrário, uma formação ancorada na prática, na reflexão coletiva e na problematização ética possibilita que o professor atue como mediador crítico, preservando a centralidade da relação pedagógica e promovendo aprendizagens significativas.

Do ponto de vista ético, o capítulo ressaltou desafios relacionados à privacidade, ao uso de dados educacionais, aos vieses algorítmicos e à equidade no acesso às tecnologias. Tais questões reforçam a responsabilidade da escola como espaço de formação cidadã, comprometido com princípios democráticos e com a proteção dos direitos dos sujeitos. A integração da Inteligência Artificial à educação, portanto, não

pode ser pensada de forma isolada, mas articulada a políticas públicas, diretrizes institucionais e projetos pedagógicos que coloquem o humano no centro das decisões tecnológicas.

Conclui-se que a Inteligência Artificial e as tecnologias digitais podem contribuir para práticas educativas mais reflexivas, críticas e inclusivas quando integradas de forma ética, pedagógica e intencionalmente mediada. Mais do que incorporar ferramentas digitais, o desafio da escola contemporânea consiste em formar sujeitos capazes de compreender, questionar e ressignificar as mediações tecnológicas que atravessam a linguagem, o conhecimento e a vida social. Nesse sentido, a educação reafirma-se como prática ética, política e emancipadora, mesmo — e sobretudo — em contextos marcados pela automação e pela inteligência artificial.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FLORIDI, Luciano. *The ethics of information*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- HOLMES, Wayne; TUOMI, Ilkka. *Artificial intelligence and education: critical perspectives and practices*. Cham: Springer, 2022.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New literacies: everyday practices and social learning*. 3. ed. Maidenhead: Open University Press, 2011.
- MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2015.
- NÓVOA, António. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*. Porto: Porto Editora, 2017.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann, 2021.
- ROJO, Roxane. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2019.
- SELWYN, Neil. *Education and technology: key issues and debates*. London: Bloomsbury, 2016.
- SELWYN, Neil. *Should robots replace teachers? AI and the future of education*. Cambridge: Polity Press, 2019.
- UNESCO. *Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence*. Paris: UNESCO, 2021.
- UNESCO. *Guidance for generative AI in education and research*. Paris: UNESCO, 2023.